

A GRANDE VIRADA: UM COLAPSO OU UMA RUPTURA? AS IMPLICAÇÕES PARA AS TRADIÇÕES DE FÉ

Por John Croft

04 de Setembro de 2008. Última atualização: 15 de Novembro de 2008.

Tradução (texto e figuras): Áureo Gaspar (Novembro de 2011)

Título original: Fact Sheet Number #05 THE GREAT TURNING: A BREAKDOWN OR BREAKTHROUGH? IS SPIRITUAL IMPLICATIONS FOR THE FAITH TRADITIONS.

RESUMO: Explorando as escolhas implícitas na “Grande Virada”, que advém da maior capacidade humana para a compaixão, a “habilidade para cuidar”. Liberar esta capacidade, individual e coletivamente, mostra-se como a força mais poderosa na construção de um mundo onde estamos inseridos e possam bem conviver humanos e os demais seres que aqui habitam.



Esta versão e a obra original de John Croft estão licenciados sob uma licença [Creative Commons Atribuição-Compartilhável 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Permissões além do escopo desta licença podem ser solicitadas a jdcroft@yahoo.com.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
SINAIS DO GRANDE ESCLARECIMENTO	3
RUMO À GRANDE VIRADA	5
IMPLICAÇÕES ESPIRITUAIS DA GRANDE VIRADA.....	6
SETE COISAS PARA ABREVIAR A IDADE DAS TREVAS	12
PROPICIANDO A GRANDE VIRADA	13

INTRODUÇÃO

Eu muitas vezes começo as apresentações do *Dragon Dreaming* dizendo que “*Nos próximos trinta anos vamos ver mais mudanças do que em qualquer outro período de 30 anos na história humana. Na verdade, é bem possível que nas próximas três décadas nós veremos mais mudanças, e de maior importância, do que qualquer outro período de 30 anos desde o desaparecimento dos dinossauros na Terra, sessenta e cinco milhões de anos atrás*”.

Estas alterações são facilmente documentadas. Eles incluem a chegada do “Pico do Petróleo” e o início de seu esgotamento em escala planetária, a Mudança do Clima associada, causada por desenterrarmos carbono fóssil e colocá-lo de volta para a atmosfera de onde saiu há milhões de anos, o crescimento no número de seres humano para perto de nove bilhões de pessoas, e alimentá-los de formas suportáveis para a vida; a perda de biodiversidade à escala planetária, como resultado das enormes exigências que estamos colocando, cada vez mais, em nossa frágil vida marinha, nas florestas, no solo e ecossistemas aquáticos e, finalmente, a necessidade de construir uma economia verdadeiramente pacífica e sustentável a partir de uma economia em colapso, que exige o crescimento incessante e acelerado e é atualmente mantido por enormes orçamentos militares, e a destruição que chega quando a violência irrompe. Essas mudanças são suficientes para manter todos os que trabalham em emprego produtivo para toda a sua vida profissional!

No momento, o tamanho e a escala desses problemas é assustador. Confrontada com a consciência dessas crises interligadas, parece que a maioria das pessoas responde através de diversas formas de evasão e negação. “Congelamento” é um mecanismo de sobrevivência evolucionária, ecologicamente muito comum quando um ser é confrontado com predadores ou perigos. Na sociedade humana, muitas vezes este comportamento é promovido pelo pensamento “se eu mantiver minha cabeça abaixada, e não atrair atenção para mim mesmo, talvez eu não seja notado e o problema, pois é o que os problemas costumam fazer, simplesmente irá embora”. “Muitos param de se manter informados sobre o que está acontecendo no mundo por causa do medo que sentem dessa consciência sobre a dimensão do problema na atual situação global”¹. Outros cultivam várias formas de esperança irreal. Confiam que os “outros”, o governo, a indústria, a ciência ou a religião vão resolver esses problemas para eles. “Certamente”, argumentam, “eles devem estar cientes!” E vão então falar sobre novas tecnologias secretas, que irão “consertar” tudo.

Joanna Macy, a visionária em ecologia profunda, pensadora sistêmica e estudiosa budista, mostrou como essa recusa e esperança irrealista nos paralisam e desconectam de nossos sentimentos. Nós afundamos trancados em nossa crença na nossa separação, desconfiados de nossa própria inteligência, levados por um desejo de evitar a morbidade, a culpa, a angústia, o medo de ser antipatrióticos, parecer fracos, impotentes ou muito emotivos. A prevenção contra nossos sentimentos negativos, no entanto, tem um preço. Não podemos reprimir nossos sentimentos negativos sem suprimir os positivos também. Sentimentos são sentimentos, eles evoluíram em nós ao longo de centenas de milhões de anos de vida social, a fim de dar-nos informação para nos impulsionar em ação. Não podemos obter esta informação de nenhuma outra fonte, e um desejo de parecer “sem emoção” priva-nos de nossos sentimentos de êxtase, alegria e entusiasmo, tanto quanto nos protege com uma falsa sensação de segurança. A ausência de sentimentos nos leva a “pensar o impensável”² e, literalmente, é necessária para poder planejar obscenos cenários de guerra nuclear que podem levar à extinção da maioria da humanidade. E as forças propulsoras da crise cultural mundial não diminuem como resultado de tal apatia. As tensões continuamente aumentam de uma forma determinada e previsível, levando-nos para a beira de uma ruptura catastrófica e caos.

Aquelas pessoas que se importam, podem estar envolvidas em diversos tipos de ações destinadas a tornar o mundo melhor. Mas também aqui podem se intrometer sentimentos que minimizam a nossa eficácia. Diante do desenvolvimento da crise planetária, muitos entram em longas negociações com “autoridades” para salvar alguns hectares de floresta aqui, ou para iniciar um programa de estudos de paz lá. Confrontadas com inúmeros bloqueios burocráticos e movidas por seus desejos insatisfeitos, é fácil que essas pessoas fiquem com raiva. Raiva e irritação são emoções positivas quando nos estimulam a liberação da adrenalina que precisamos para a atividade rápida, ou nos engajar em uma luta difícil.

Infelizmente, inundam nosso sistema com esteroides estressantes, para converter nossas reservas de energia para trabalhar o mais cedo possível e, portanto, levam energia além do que podemos lidar, e nosso sistema imunológico a canaliza em ações instintivas. Esta luta para abrandar o ritmo de destruição e salvar vidas, humanas ou não, é um trabalho exaustivo. Exaustão é geralmente o resultado, e compelido pelas circunstâncias a reconstruir suas finanças destruídas, ou suas famílias estressadas, ou apenas manter sua cabeça acima da água, muitos “deixam a causa”. Isso também é um mecanismo de sobrevivência, lapidado pelo nosso passado evolutivo. Voar a partir de circunstâncias insalubres ou inseguras pode ajudar-nos a sobreviver, mas também tem um custo. Demasiadas vezes essas pessoas são vistas por elas mesmas e outros como “traidoras” das suas crenças sobre o que precisa ser feito, e elas podem cair em uma crise depressiva.

Distímia, os níveis basais baixos de depressão incessante, tem sido associada a um humor selvagem dentro de um mau humor e sentimentos de insatisfação geral, com comportamentos de dependência de todos os tipos – comer demais, jogatina, compras excessivas, sexo, excesso de trabalho, alcoolismo ou consumo de drogas. O resultado traduz-se frequentemente em falta de interesse, baixa energia e nos sintomas de dependência – fatalismo, impotência, viver para o momento, a mímica da poderosa violência fratricida.

Mas todas essas ações apenas aprofundam a crise e a tornam mais letal. O número de insolvências nos Estados em todo o mundo está aumentando, enquanto as nações cujas fronteiras foram desenhadas na Conferência de Berlim em 1885, entram em colapso, anarquia e guerra civil. Distúrbios por alimento se espalham, e os

economistas temem o colapso do nosso sistema econômico inteiro, ao gastarmos bilhões para escorar os bancos e empresas. O que está acontecendo?

SINAIS DO GRANDE ESCLARECIMENTO

Estamos nos aproximando do que alguns chamam de “Grande Virada”. É como se o próprio mundo quisesse ser diferente, a agir de uma maneira completamente nova, e até achamos esta maneira, as pressões vão continuar crescendo, aumentando os riscos, as probabilidades sempre crescendo.

Qualquer cultura que destrói o seu próprio sistema de apoio à vida em nome do progresso é funcionalmente insana e é finalmente suicida. Nossa ignorância ecológica parece sugerir que estamos neste caminho. O *World Wildlife Fund* criou um “Índice Planeta Vivo”³, que acompanha as populações de 1.313 espécies de vertebrados - peixes, anfíbios, répteis, aves, mamíferos - de todo o mundo. Este índice mostra um declínio em 29% entre 1970 e 2003, degradando os ecossistemas naturais em uma taxa sem precedentes na história mundial. O que isto significa é ilustrada pela obra de Peter Vitousek e outros em 1986⁴, que estimou a apropriação humana dos produtos da fotossíntese em cerca de 39%, e mostrou que novos aumentos da população mundial provavelmente fariam dobrar este quadro no prazo de 28 anos. Com uma espécie que em 1986 era responsável, por meio de expropriação direta e mudanças no uso da terra, por consumir cerca de 40% do potencial fotossintético total do planeta, isto deixa cerca de 60% deste potencial fotossintético para as restantes 30 milhões de espécies. A uma taxa que compara o cenário atual com o ritmo de extinção que viu o desaparecimento dos dinossauros, isto mostra claramente que um cenário “*Negócios de Sempre*” não é viável para o futuro.

Esta é também a conclusão do Relatório Stern⁵, elaborado pelo economista-chefe do Banco Mundial, sir Nicholas Stern, para o Gabinete de Tesouro do Governo britânico. Ele argumentou que o negócio como estratégia habitual em relação à mudança climática não era viável. “*Quando as pessoas não pagam pelas consequências de suas ações nós temos falhas de mercado. Esta é a maior falha de mercado que o mundo já viu*”⁶. Mais recentemente, a falha de mercado foi testemunhada nas pressões colocadas sobre os bancos e sobre o colapso da Islândia como uma nação solvente. No entanto Stern argumenta que:

- Ainda há tempo de evitar os piores impactos das mudanças climáticas, se tomarmos medidas fortes agora.
- A mudança climática pode ter impactos muito sérios sobre o crescimento e desenvolvimento.
- Os custos para a estabilização do clima são consideráveis, mas viáveis, e o atraso seria perigoso e muito mais caro.
- Ação para a mudança climática é necessária em todos os países e não precisa restringir as aspirações ao crescimento dos países ricos nem pobres.
- Uma gama de opções políticas está disponível para reduzir as emissões: uma ação política forte e deliberada é necessária para motivar a sua aceitação.
- As alterações climáticas exigem uma resposta internacional, baseada em uma compreensão partilhada dos objetivos em longo prazo e acordos sobre um quadro de ação.

Entretanto, Ross Garnaut, em seu recém-lançado Relatório de Mudança Climática para o governo australiano⁷, disse que o Relatório Stern, baseado em estimativas da Agência Internacional de Energia e do Painel Internacional de Mudanças Climáticas (IPCC) havia subestimado em muito os efeitos da Estratégia “Business as Usual”, pelo rápido desenvolvimento na Índia e na China, o que torna implacáveis os efeitos das Alterações Climáticas e propõe antecipar uma estratégia muito mais sombria, com ações urgentes. Outros disseram que os relatórios do IPCC também não levaram em conta vários efeitos de *feedback* positivos, tais como aqueles que agora estão confirmados para o rápido derretimento da Camada de Gelo Ártica e seus efeitos sobre a Groenlândia. O IPCC no início acreditava que o derretimento do gelo só seria um problema em 2070, mas relatos recentes sugerem que o Ártico não terá gelo substancialmente livre por volta de 2013⁸. Um estudo de 20% da superfície global, cobrindo distribuições futuras projetadas de 1103 plantas, mamíferos, aves, répteis, sapos, borboletas e outros

invertebrados, mostrou⁹ que em 2050 entre 15% e 37% de todas as espécies poderiam ser levados à extinção, como resultado das alterações climáticas.

Ao mesmo tempo, a abordagem do Pico Hubert na produção mundial de petróleo, e o fato de que a demanda chinesa por petróleo está crescendo a 14% ao ano, significa que a diferença na produção de petróleo, estagnada nos últimos quatro anos, está sendo suprida por biocombustíveis, resultando em aumentos de preços enormes de alimentos¹⁰, e distúrbios alimentares em mais de 34 países. Até mesmo o CEO da anglo-holandesa Shell, alertou que a atual produção de petróleo não consegue acompanhar a demanda, e que “ao tomar o caminho de menor resistência, os políticos dão pouca atenção à contenção do consumo de energia – até que o fornecimento se reduza. Da mesma forma, apesar de muita retórica, as emissões de gases de efeito estufa não serão seriamente tratadas até grandes choques desencadearem reações políticas. Uma vez que essas respostas estão atrasadas, elas são graves e levarão a picos de preços de energia e volatilidade”¹¹.

A composição destes efeitos agrava ainda mais a situação dos mais fracos mais vulneráveis. O “Índice Internacional de Falha do Estado”, lançado em julho de 2008, também mostrou que o número de países altamente vulneráveis aumentou, mesmo antes dos aumentos dos preços internacional do petróleo e alimentos¹². O índice é baseado em doze fatores marcados entre 1 (menor) e 10 (mais alto) para:

- O movimento de refugiados e pessoas deslocadas internamente (PDI);
- As evidências de pressões demográficas e sérios conflitos étnicos ou sectários;
- As diferenças entre ricos e pobres;
- O crescimento econômico ou recessão;
- O desempenho dos serviços públicos;
- A corrupção;
- A situação dos direitos humanos e o Estado de direito, e ...
- A intervenção de outros estados ou outros agentes estrangeiros não estatais.

Todas estas evidências, quando consideradas em conjunto, mostram que a situação atual não só não irá resolver nossos principais problemas mundiais, mas são na verdade uma parte séria do problema. Alternativas são necessárias. Fazer os ‘Negócios de Sempre (*Business as Usual*), ou como tem sido às vezes chamado de “Consenso de Washington”¹³ está nos levando ao que Paul Krugman¹⁴ e David Korten chamaram de “O Grande Desdobramento”.

O Grande Desdobramento está operando em muitas frentes.

1. Ecologicamente, vê populações drasticamente superiores à pegada ecológica disponível, levando a redução na capacidade de recarga e a colapso de ecossistemas.
2. Economicamente, continua a divergência e a polarização de uma minoria de nações do mundo com populações em declínio nos países ricos e populações crescentes em países pobres do mundo da maioria.
3. Socialmente é caracterizada por graus crescentes de desigualdade social dentro dos países, entre poderosas elites ricas e socialmente desfavorecidos e marginalizados, e um colapso em curso das comunidades viáveis.
4. Politicamente, apesar da sua confissão democrata, ela corrói as liberdades civis e as estruturas voluntárias de participação sobre a qual uma sociedade civil saudável repousa. Crescentes preocupações sobre a “segurança interna” restringem as liberdades políticas.
5. Culturalmente vê o desaparecimento de costumes culturais ecologicamente adaptados e línguas locais, varridos em um monopólio cultural traçado a partir da prevalência de imagens estereotipadas da mídia.
6. Espiritualmente ela está ligada ao aumento do número de crenças dogmáticas fundamentalistas, uma nova irracionalidade baseada em superstições da nova era ou no igualmente insípido hedonismo consumista.

É fácil reunir estas e outras informações assustadoras. Esta evidência é horripilante de fato, mas este não é o momento ou o lugar para entrar ainda mais em negação, na evasão ou esperança irrealista. Também não é um lugar para um chafurdar improdutivo no desespero, na raiva e na depressão. A questão aqui a ser respondida é: Como é que vamos lidar com isso? Muitas das mudanças em curso podem ser mitigadas pela ação correta e apropriada. Outras que já estão se desdobrando necessitam de adaptação, já que não podem facilmente ser interrompidas. E aquelas que produzirão sofrimento precisam de programas especiais para que os efeitos traumáticos deste sofrimento possam ser minimizados.

RUMO À GRANDE VIRADA

Joanna Macy, David Korten e outros mostram claramente que a “Grande Virada” é o nome do fim “O Grande Desdobramento”, e a construção de uma cultura que sustente genuinamente a vida do futuro. Mas como podemos fazer isso? Modernas culturas tecnológicas esqueceram muito do que conheciam. Ainda pior do que isso, se esqueceram de que esqueceram, capacitando-os a acreditarem-se superiores àqueles que vieram antes¹⁵. Uma das principais coisas que esquecemos é a real natureza do próprio tempo.

Tempo é fundamental para a Grande Virada. Os riscos de colapso se multiplicam, e se nós falharmos em nossa tarefa, vamos perder não apenas a base de recursos necessária para culturas complexas, mas também comprometer a capacidade para a vida complexa existir na Terra! Como HG Wells comentou no período entre guerras, é uma corrida entre Educação ou Catástrofe. Parece, no entanto, que a possibilidade de colapso é real, e as possibilidades de mudança devem ser consideradas à luz de que o resultado é incerto, avaliado por quaisquer meios. Isso aumenta a urgência de nossa tarefa.

Mas a urgência em si mesma traz estresse. Desde que Benjamin Franklin, em seus Almanques, promoveu a ideia de que “tempo é dinheiro”, nossa cultura foi confinada em uma batalha sem fim para “economizar tempo”, a fim de economizar dinheiro. A contração do tempo permite grandes lucros a serem realizados. Isto foi ilustrado por Lord Rothschild, o banqueiro durante a época das guerras napoleônicas. Ao organizar um complexo sistema de sinalização, ele podia ser avisado com antecedência sobre o resultado da luta titânica entre Wellington e Napoleão. Rothschild disparou uma pequena onda de pânico na bolsa de valores inglesa, induzindo um fluxo de vendas e aproveitando para comprar as ações de outros por uma fração de seu valor.

Esta preocupação com economia de tempo tem alimentado o conjunto das Revoluções Industrial e Informacional. Mais rápido é sempre visto como melhor, permitindo fazer mais em menos tempo, por menos pessoas e com menores recursos, de acordo com a crença central sobre a natureza da eficiência econômica. Como Michael Ende mostrou claramente, em seu clássico “Momo e os Ladrões de Tempo”, essa preocupação com “Rápido” não tem tornado as pessoas mais felizes. O falecido futurista Robert Theobald gostava de citar seu amigo Tom Atlee, que nos mostrou que uma das principais características do mundo moderno é que “as coisas estão ficando melhor e melhor, e pior e pior, cada vez mais rápido”.

Esta aceleração do tempo está se mostrando problemática por diversos motivos. Uma grande parte do estresse da vida moderna baseia-se na aceleração do tempo, com as expectativas das coisas irem mais rápido e mais rápido. Tudo parece desmoronar em um presente que nunca termina. Dizem-nos “O passado está morto e enterrado, o futuro é imaginário, só temos o momento presente”. Isso não só faz a nossa própria história e a de todos os outros parecerem irrelevantes, mas também nos faz perder contato com os nossos descendentes, bem como com os nossos antepassados. Os economistas nos ensinam que um dólar hoje vale mais do que um dólar no futuro, e assim o futuro é “descontado” pela taxa de inflação. Por exemplo, se a poupança do banco crescer 5% ao ano, mas uma floresta cresce a 2% ao ano, faz sentido econômico cortar a floresta, vendê-la para fazer lenha e colocar o dinheiro no banco. Tal desconto futuro, como Fred Pearce mostra, leva-nos a promover o consumo atual de recursos futuros contra a poupança para o futuro dos recursos atuais, e está impulsionando o desastre ecológico que está rapidamente se aproximando em todo o mundo. Esta desconexão do presente do passado e do futuro, não só nos leva à doença de Transtorno de Deficiência de Atenção e Histórico, mas rouba-nos de nossas visões de

um futuro saudável – desde a publicação de Admirável Mundo Novo e 1984, a maioria dos retratos do futuro são cada vez mais apocalípticos e distópicos.

Há uma realidade para estas visões que friamente não podem ser evitadas. A velocidade de mudança é hoje tal que não apenas ultrapassa a capacidade que as nossas psiques individuais e sistemas sociais conseguem lidar. Evidências sugerem que excede a capacidade dos nossos próprios corpos lidar. Como mencionado anteriormente, doenças relacionadas com estresse, cânceros, doenças autoimunes, alergias, várias sensibilidades químicas múltiplas, e o aumento de defeitos congênitos e infertilidade, todos sugerem que a mudança ambiental está ocorrendo a um ritmo mais rápido do que nossos corpos são biologicamente projetados para lidar. Como nossas ecologias internas não são separadas das ecologias externas dos sistemas vivos em que estão inseridas, os nossos ecossistemas também são cada vez mais incapazes de lidar com estas mudanças. O colapso da pesca na Terra Nova é apenas um dos muitos colapsos, a prova de que a aceleração dos impactos humanos é superior à capacidade dos ecossistemas terrestres para se adaptar às rápidas mudanças. De certa forma, o aquecimento global que já está acontecendo, já foi visto por James Lovelock como uma consequência da “primatemia disseminada”, como se poderiam chamar os efeitos de metástase da civilização de crescimento industrial.

Esta não é a primeira vez na história humana que tivemos uma “grande virada”. A partir de 8.500 a.C., em Cayonu, na Turquia oriental, as culturas humanas tiveram uma mudança decisiva, passando de caçadores e coletores em direção a uma forma de agricultura de grãos, que permitiu a acumulação de excedentes. O desenvolvimento levou à criação de comunidades urbanas, vilas e cidades, e à criação de civilizações letradas, das quais somos a mais recente. Este desenvolvimento levou milênios para se realizar. Somente nos últimos anos chegamos a uma situação em que, pela primeira vez, 50% da população mundial agora vive em cidades.

Houve uma segunda grande virada. Começando com o Renascimento Europeu e o Iluminismo, uma revolução científica e tecnológica transformou as vidas, antes de tudo de pessoas que viviam na Europa Ocidental, e depois com a expansão da cultura europeia em todo o mundo, transformando o planeta como um todo. Este era o tempo da construção da Civilização do Crescimento Industrial, que agora cobre o planeta. Hoje, áreas grandes, como Brasil, Rússia, Índia e China (BRICs) estão agora passando pelos tipos de desenvolvimento que anteriormente caracterizavam a Europa, Japão e América do Norte. Esta evolução também levou séculos para se concretizar.

E assim estamos empoleirados no início da terceira Grande Virada da humanidade. Esta grande mudança é a construção das Culturas de Sustentação da Vida, necessárias para garantir o futuro da vida complexa no planeta. Ao contrário da primeira e da segunda grande volta, que levaram milênios ou séculos para se realizar, este terceiro giro muito *grande* pode ser alcançado dentro de algumas décadas. Como costumou dizer em minhas oficinas *Dragon Dreaming* – “Bem-vindo ao momento mais emocionante na história do mundo. Que oportunidade para realmente fazer a diferença!”.

IMPLICAÇÕES ESPIRITUAIS DA GRANDE VIRADA

Há uma lenda urbana que circula na internet nos últimos dez anos, que se afirma ser uma transcrição real da conversa entre um navio dos EUA com as autoridades canadenses, próximo à costa de Newfoundland, em outubro de 1995.

Americanos: “Por favor, desvie seu curso 15 graus para norte para evitar uma colisão”.

Canadenses: “Recomendamos que você mude o SEU curso 15 graus para o Sul para evitar uma colisão.”

Americanos: “Este é o capitão de um navio da Marinha dos EUA. Repito, mude o SEU curso”.

Canadenses: “Não, eu digo novamente, mude você o SEU curso”.

Americanos: “ESTE É O PORTA-AVIÕES USS ABRAHAM LINCOLN, O SEGUNDO MAIOR NAVIO DA FROTA NORTE-AMERICANA NO ATLÂNTICO”. NÓS ESTAMOS ACOMPANHADOS POR TRÊS DESTRÓIERES, TRÊS NAVIOS CRUZADORES E INÚMERAS EMBARCAÇÕES DE APOIO. EU EXIJO QUE MUDE SEU CURSO 15 GRAUS NORTE. SÃO

UM-CINCO GRAUS NORTE, OU CONTRAMEDIDAS SERÃO TOMADAS PARA GARANTIR A SEGURANÇA DESTE NAVIO DE GUERRA”.

Canadenses: “Aqui é um farol construído sobre uma rocha. Fico na escuta”.

Nós rimos porque nos damos conta de alguma grande verdade neste conto. Nosso riso é porque, de alguma forma subconsciente, reconhecemos essa história como, em parte, uma metáfora para nossos tempos.

Ao empreender uma viagem oceânica, duas peças são necessárias. Após o grande navio ser lançado em sua jornada, ele é puxado pelos barcos rebocadores até se afastar do cais, e então ele acelera a “todo vapor”, uma condição que pode manter ao mesmo tempo em mar aberto. Mas eventualmente, ele deve retornar para um porto seguro, para descarregar os seus passageiros e carga, para reabastecer e recarregar para uma segunda viagem. Quando ele começa a se aproximar da costa, a velocidade não é mais a principal prioridade. Em vez disso, o que é necessário, mais do que tudo, é uma visão de longo prazo, a capacidade de ver exatamente onde o navio está agora, para onde está indo, em relação a seu ponto de origem, para saber o quão rápido o navio está viajando e a direção a que aponta. As pessoas a bordo precisam saber conduzir o barco com sucesso, para interromper seu movimento à frente e mudar de direção, se necessário.

Para ilustrar o que pode dar errado, em sessões de treinamento, costumo usar o exemplo do Titanic, perguntando às pessoas até que ponto sua própria comunidade poderia ser uma ilustração deste desastre famoso.

Para este navio dar meia volta, na direção oposta ao seu movimento inicial, precisaria de um círculo de 30 quilômetros. Para parar, quando em “pleno vapor”, percorreria 10 quilômetros entre o momento em que a ordem foi dada e o instante em que o navio finalmente conseguisse parar completamente. O vigia, se viu um obstáculo, chamou a um marinheiro que passava, que levou a mensagem para o capitão, que falou com o primeiro imediato, que conversou com o engenheiro, que, em seguida, telegrafou à sala de máquinas. Se a mensagem foi sequer vista, só então foram os motores colocados em sentido inverso. Se essa cadeia de instruções foi quebrada, a mensagem não chegou ao seu destino. Para piorar a situação, o vigia tinha deixado seus binóculos na Europa e não podia ver muito mais do que a proa do navio, especialmente em condições difíceis. O navio tinha botes salva-vidas para 30% dos passageiros de primeira classe, nada para a segunda classe ou para os passageiros da terceira classe. Para piorar a situação, o leme para governar o navio era muito pequeno para o tamanho do navio e a potência dos seus motores. O Titanic foi, literalmente, um acidente à procura de um lugar para acontecer.

Mas são nossas comunidades como esta? Quanto esforço seria necessário para parar ou virar as próprias comunidades ao redor? Quão grande é o nosso círculo de viragem? Será que sabemos mesmo como conduzir nossas comunidades em uma nova direção? Onde estão o nosso acelerador, nosso freio e volante? Até onde podemos ver à frente do nosso veículo através do para-brisa? Não temos botes salva-vidas, tanto para passageiros de primeira classe e terceira classe? Não sabemos de onde viemos, o quão rápido estamos viajando, a direção para a qual estão apontados ou onde estamos agora? Na ausência de respostas precisas a todas estas perguntas, então nossos projetos de Gaia para o crescimento pessoal, construção de uma comunidade ou serviço para a Terra talvez sejam tão úteis como arrumar as cadeiras de convés no Titanic! Pode até nos induzir à falsa crença de que estamos fazendo a diferença, criando simultaneamente apenas sentimentos temporários, calorosos e acolhedores, para os organizadores do projeto.

No entanto, a Civilização do Crescimento Industrial em que vivemos, por trezentos anos tem estado continuamente se redesenhando exclusivamente para aumentar a velocidade. O sucesso tem sido determinado pela rapidez com que uma nação pode crescer economicamente, a rapidez com que os recursos podem ser extraídos, processados e transformados em produtos comercializáveis, comprados e vendidos em um mercado mundial de velocidade e complexidade insondáveis. Depois, através da obsolescência planejada ou tecnológica, se transformam em desperdício. O esgotamento de um produto leva à espera de sua substituição por outro, da mesma forma como comunidades, ecossistemas e futuros individuais vão se esgotando, tornam-se lixo e são descartados ao longo do caminho, como empecilhos para a tarefa principal de acelerar o barco do sistema globalizado de Desenvolvimento Mundial e sua necessidade para ir mais rápido e mais rápido.

Nós perdemos gradualmente nosso olhar prospectivo, nossa visão de longo prazo, tendo descartado os nossos binóculos, e então usamos os nossos botes salva-vidas para obter combustível, não reconhecemos que estamos nos aproximando rapidamente da costa imóvel oposta, determinada pelo fato de que vivemos em um planeta finito. Acreditamos que estamos em um navio que não afunda, que somos parte de uma força irresistível de mudança, e nós nos tornamos cegos para o fato de que, como o USS Abraham Lincoln, estamos nos aproximando rapidamente de um objeto imóvel.

À medida que avançamos para além dos dez mil anos de intervalo quente e estável do Holoceno, na última Idade do Gelo, em vez de retornar para o outono e o inverno mais frio do ótimo Pleistoceno glacial, estamos correndo em direção a um verão global diferente de qualquer outra que nunca se viu sobre a Terra. Este verão de aquecimento global talvez represente o maior desafio já confrontado pela humanidade. Mas depois há outros problemas possivelmente menos graves para a sobrevivência da nossa civilização. Sugere-se que o “Pico do Petróleo” é apenas uma parte do “pico de tudo”, e precisa de um investimento maciço em infraestruturas renováveis e alternativas de alimento, saúde, habitação e sistemas de transporte. A crise econômica mundial, no entanto, significa que não há grandes quantidades de rendimento nacional disponível no sistema para financiar tais investimentos.

O colapso de ecossistemas florestais e da pesca, os desertos em expansão, a perda de biodiversidade e as tensões em nossos sistemas de água doce são também parte do quadro. Estas crises foram previstas na década de 1970, mas ignoradas por uma economia de mercado com visão de curto prazo, voltada a promover o consumismo e globalização. Isto sugere que nossas crises interligadas não são separadas, mas na verdade partes entrelaçadas de um profundo desafio espiritual que confronta a nossa espécie. É como se tivéssemos adotamos uma falsa espiritualidade, uma espiritualidade que vê a humanidade como desconectado do seu planeta, visto como sendo apenas um recurso a ser utilizado ou um despejo de nossos resíduos, uma armadilha ou escola para a alma ou algum tipo de campo de batalha entre o bem e o mal, em que nós, é claro, somos “os mocinhos”.

Os seres humanos são um produto da Idade do Gelo, um período em que a capacidade de energia solar reflexivo de Gaia, o planeta vivo, foi maximizada pelos grandes campos de neve e geleiras em todo o norte do mundo. Durante este período, Londres e Nova York estavam ambas sob mais de dois quilômetros de gelo. Mas, embora as grandes florestas do norte não estivessem lá, a queda no nível do mar expôs margens continentais a uma profundidade de cerca de 130 metros, e esta terra, coberto por florestas de vida, foi aumentada por um mar frio e seu florescente fitoplâncton. A vida floresceu com uma complexidade e abundância nunca vista antes no planeta. E na África, dentro desta complexidade da vida, a partir de uma espécie de chimpanzé nasceu o bípede *homo sapiens sapiens*, o homem supostamente duplamente sábio.

Com o nascimento da espécie humana nasceu a possibilidade de um maior altruísmo, um carinho um pelo outro, que não possuía a mesma intensidade em outros animais. Ao mesmo tempo, o potencial de crueldades indizíveis e uma flexibilidade de escolha do nosso próprio destino, foram levados a um grau muito mais elevado. Nossas habilidades com retrospectiva e prospectiva, a nossa flexibilidade com o aprendizado cultural, a nossa longa infância e sua necessidade de socialização, e o imenso poder da linguagem proposicional criaram um predador universal de um tipo nunca antes visto na Terra. Do ponto de vista de Gaia, éramos o parasita mestre. Os efeitos de tudo isto ecoaram através da biosfera. Em toda parte onde o homem moderno foi¹⁶ ocorreu um colapso na megafauna, até que, no período seguinte, aprendemos a ter maior sabedoria ecológica e deixamos de ser os devoradores de nosso próprio futuro.

Gaia, em cujo corpo nós residimos, é imensamente velha, formada entre 3,9 e 4,6 bilhões de anos atrás – quase um quarto terço ou um quarto da idade do universo. Como o nosso Sol atingiu a meia-idade, o seu aquecimento tem continuamente provido Gaia com novas fontes de energia, e Gaia lidou com a elevação das temperaturas solares, enterrando carbono e criando uma atmosfera de oxigênio, permitindo a evolução de formas mais complexas de vida. Gaia precisa desta vida para a sua sobrevivência, pois na plenitude dos tempos, o aquecimento do Sol irá exceder a capacidade da Terra de lidar com as altas temperaturas, e a menos que Gaia possa lançar sementes e reproduzir a criação de biosferas filhas nos espaços entre os planetas, a vida na Terra será extinta. Por

esta razão, Gaia tem, ao longo da evolução nos últimos 70 milhões de anos, experimentado com inteligência e consciência. Ela deu à luz uma autoconsciência, a consciência reflexiva humana.

A descoberta dos campos de energia fóssil, da luz solar¹⁸ antiga enterrada sob os nossos pés, deu início à cultura globalizante da Europa Ocidental, uma vantagem tecnológica sobre todas as outras pessoas que vivem no planeta e permitiu um consumismo egoísta individual de um tipo nunca visto antes. Ao contrário de culturas anteriores pré-civilizadas, somos capazes de destruir as nossas comunidades locais, subsidiando os custos desta perda com o subsídio oculto de carvão de Gaia e do petróleo. E assim criamos a cultura mais resistente já vista na Terra, uma cultura de complexidade tão atordoante, que seria quase impossível regenerá-la a partir dos seus princípios originais. De uma forma estranha, nós destruímos ou enfraquecemos todas as comunidades intermediárias que ligavam indivíduos, de modo que nada separa agora o tamanho da economia globalizada eternamente crescente e o único indivíduo isolado. Nós parecemos ter nos tornado o parasita final, que agora está empenhado na tarefa de consumir a própria Terra e seus sistemas de suporte à vida, os pilares que sustentam a existência futura como uma cultura viva.

O perigo disto, nossa crise espiritual, é que desencadeou uma força irresistível – o da imaginação desenfreada humana e da criatividade tecnológica, dentro do que é um objeto imóvel, a natureza finita das limitações da vida geobiologia do planeta si.

A mudança está agora sobre nós. As muitas civilizações humanas do passado, hierárquicas e urbanas, sempre foram promovidas por períodos de crescimento rápido dentro de períodos de clima estável, dentro de sistemas hierárquicos “ganha-perde”, os sistemas de poder de uns sobre a vida dos outros. Para só então podermos cultivar os excedentes de alimentos necessários para suportar o sistema piramidal hierárquico de classes não produtoras de alimentos, como governantes, militares, sacerdotes, comerciantes, artesãos e artífices, curadores, professores, artistas e dos quais as civilizações sempre dependeram. O crescimento contínuo leva a aquiescência a esses sistemas de poder, em que uma elite tem “poder sobre” as vidas dos outros. Mobilidade social ascendente é necessária para manter a paz, e permitir que aqueles que não foram bem sucedidos, os perdedores no jogo grande da vida, acreditar que têm uma chance real no jogo de eventualmente se tornar um vencedor.

Essa mobilidade mantém a paz em condições em que de outra forma haveria agitação social ou revolta e revolução. Mas estes sistemas não podem crescer eternamente. Eventualmente, eles são confrontados com os limites – limites geográficos, limites para a população, aos meios ou níveis de riqueza. A cultura sofre o que Joseph Tainter chama de “retornos decrescentes a complexidade”¹⁹. Jarred mostra brilhantemente que as tentativas de ultrapassar esses limites levam à derrubada de florestas, à perda da fertilidade do solo, à redução dos excedentes necessários para manter os sistemas de comércio de longa distância. A luta para garantir os estoques em declínio dos recursos conduz a níveis crescentes de violência inter e intracomunitária²⁰. O historiador Arnold Toynbee sugeriu que em tais condições, uma minoria criativa torna-se cada vez mais parasitária, mais preocupado com a exploração em posições de privilégio do que em apoiar as melhorias na vida do “proletariado interno”²¹.

Um olhar para o registro das 31 civilizações com que compartilhamos este planeta, demonstra que as civilizações parecem desmoronar durante os períodos de rápidas mudanças climáticas. A produção de alimentos é ameaçada, conflitos entre elites para obter os excedentes de declínio ficam mais viciosos, e há colapsos devido à complexidade. Thomas Homer Dixon mostra como, com o esgotamento dos recursos facilmente acessíveis, o retorno de energia em relação à energia investida (REREI) declina ao longo do tempo, com o resultado que os anteriores níveis de complexidade não podem ser mantidos²². Civilizações moribundas parecem ser pegas em contradições estruturais da sua própria concepção, em que a resolução dos seus problemas só é possível através de um desmantelamento do sistema do qual a elite depende²³. Esta é uma armadilha mental de pensamento limitado de que agora podemos apenas escapar através do rigor de uma nova Idade das Trevas.

Idades das trevas anteriores foram assuntos regionais. Nunca antes tivemos uma civilização que é tão verdadeiramente global em sua extensão. As revoluções científicas e técnicas e a exploração de nossas fontes aparentemente ilimitadas de combustíveis fósseis, permitiram que a nossa civilização industrial moderna tornar-se verdadeiramente global. Não existe hoje nenhum lugar fora do sistema internacional global da divisão do

trabalho, da extração de recursos, produção, economias de mercado e a redistribuição dos produtos proporcional a uma nação, região ou do poder de compra individual²⁴. Qualquer colapso em uma nova Idade das Trevas não será mais um caso regional. Hoje, qualquer possibilidade de séculos de colapso terá extensão global.

É o momento em que acordamos da armadilha de acreditar no crescimento industrial ilimitado e construir pela primeira vez na história uma sociedade que já não é um parasita consumidor sobre o planeta, mas é bastante simbiótica e sinérgica com a vida de Gaia como um todo. Fazê-lo no pouco tempo que resta antes de Gaia decidir que nós humanos somos uma espécie tão dispensável quanto os dinossauros, é o maior desafio que já enfrentou a humanidade. Isso excede em muito os períodos anteriores de mudança de cultura, como quando o mundo Greco Romana confrontou as culturas baseadas em templos do Oriente Médio que geraram as grandes religiões abraâmicas do judaísmo, cristianismo e islamismo. É de importância muito maior do que a introdução mais recente das economias monetarizadas e letradas da Era Axial, da Idade do Ferro – economias que deram origem ao budismo e hinduísmo na Índia, ou taoísmo e confucionismo na China, a filosofia grega e às religiões monoteístas, a oeste. Estes foram apenas os períodos de crises regionais. Nunca antes enfrentamos uma crise global de tal magnitude e rapidez como a que temos hoje.

Como podemos lidar com isso? Devemos ampliar nossa capacidade de cuidar, torná-la mais ampla do que jamais esteve antes. Já não é suficiente cuidar de si, da família ou da comunidade. Mesmo cuidando de nossas nações, como temos feito ao longo dos últimos 300 anos, é uma perspectiva muito estreita. A crise do aquecimento global, a paz, o óleo de crise econômica e a perda da biodiversidade significam que temos agora realmente que cuidar de todo um planeta, e para cada espécie de vida com a qual compartilhamos este planeta. Os seres humanos precisam começar a funcionar na realidade coletivamente como o pensamento neocortical do cérebro de Gaia, porque se não fizermos isso, vamos tornar-nos tão extintos como o pássaro dodô²⁵ e os dinossauros, e o tempo está se esgotando. Através de nós, Gaia, como um planeta vivo, está a tentar resgatar a própria alma. É preciso fazê-lo por sua própria sobrevivência. É uma tarefa que vai levar todos os sete, e daqui a pouco os oito bilhões de nós para alcançar, e vai exigir todas as habilidades em potencial e capacidades de cada um de nós. Vai precisar de todos nós, e tudo o que cada um de nós pode dar. Recusar este desafio, ou optar por não participar nesta tarefa, é o risco de suicídio²⁶, e vai enfraquecer a capacidade de todos nós para realizar a transição para a grande virada da história.

Nós, portanto, vivemos em um tempo surpreendente, uma vez que tem se investido muito na preparação e nunca mais voltará a ser repetido na longa história da Terra. Estamos no ponto de fulcro central da história humana, talvez o ponto de virada da vida na Terra. Gaia pretende que a nossa espécie deixa sua longa e dolorosa adolescência para trás e assuma as suas justas responsabilidades da vida genuína de adulto. Esta tarefa vai levar a colheita dos dons e sabedorias concedidos a nós por todas as 31 civilizações que nos precederam nos últimos cinco mil anos. Ela precisa dos conhecimentos e habilidades de todas as primeiras culturas das nações indígenas de cada continente. Precisamos destilar a sabedoria e o discernimento de todos os sábios, professores e estudantes espirituais, *swamis*, gurus, profetas, santos e mártires que já existiram. Este conhecimento e sabedoria precisam ser preservados e não perdidos. Nada pode ser deixado de fora, nada pode ser esquecido – precisamos de tudo, se quisermos sobreviver.

Recentemente, tem sido afirmado que não há alternativa à globalização, mas, como vimos, esta é uma globalização apenas de empresas industriais e uma cultura de consumo e ainda não nos sentimos globalizados o suficiente. Precisamos ser verdadeiramente conscientes das necessidades do globo como um todo, das necessidades do corpo vivo da própria Gaia. Tem sido dito que chegamos ao “fim da história”²⁷, mas depois fomos surpreendidos ao descobrir a história continua que ao final ainda não foi vista. Temos sido proclamados a ser uma civilização pós-industrial, vivendo em uma era da informação, e ainda o que encontramos, estes são apenas pontos ao longo de uma trajetória de mudança que começou muito antes. Temos que parar de pensar em nós mesmos como meros seres humanos e começam a ser verdade “devires humanos”.

Através de nós, parece que o cosmos está ansiando e aprendendo a se tornar verdadeiramente consciente de si mesmo. Nossa espécie ainda não é plenamente humana, como o nosso comportamento mostra que ainda não somos “humanos” o suficiente. Nosso egoísmo estreito egoísta e a cobiça ainda estão consumindo todos. Ainda

não colhemos o nosso pleno potencial como espécie humana. Somente quando o fizermos, então, chegamos ao “fim da história”. Só então poderemos começar a viver em uma cultura verdadeiramente pós-industrial.

Em vez disso, no momento em que ficamos presos em um beco sem saída consumista da nossa própria imaginação e, como resultado da combinação de fatores que se multiplicam – o pico do petróleo, as mudanças climáticas, o caos econômico e a perda de biodiversidade – somos solicitados a reiniciar a nossa própria evolução como espécie, uma evolução que foi detida por quase 50 séculos de lutas extremamente sangrentas e destrutivas dentro e entre estruturas hierárquicas ganha-perde, construídas dentro das civilizações piramidais.

Temos que começar a viver de verdade, despertar, e aderir a, e viver por, as maiores morais e éticas de que somos capazes, em vez do sonambulismo de nossas vidas. Somos todos nós peregrinos nessa jornada, construindo uma ponte entre o local de onde viemos e para onde estamos indo, no maior projeto histórico e cultural que o mundo já viu. Ninguém pode se dar ao luxo de ficar para trás. Vai custar o sacrifício de alguns dos nossos confortos, e pode nos obrigar a desistir de algumas das coisas que nós pensamos que amamos, para que outros possam simplesmente viver. Demandará atenção diária, de um tipo que hoje apenas sonhamos, e a construção de comunidades de cuidados, apoio e prática em todas as esferas da vida.

Acredito que estamos em risco real de ser perigosamente incapazes de conduzir de forma segura a civilização do Crescimento Industrial que nós construímos para um novo porto sustentável. Para fazer isso precisamos começar a desacelerar imediatamente, melhorando nossos mecanismos de direção, aplicar freios e engatar nossos motores em marcha à ré.

No lugar dos nossos aceleradores, ampliadores e divergentes sistemas de riqueza, justiça e poder político, hoje precisamos de contração, desaceleração e convergência em sistemas que dão prosperidade básica, liberdade e justiça para todos os passageiros do planeta, humanos e as espécies mais do que humanas das quais toda a vida depende.

Infelizmente eu vejo pouca evidência deste evento ocorrendo no momento, mas em vez disso podemos ver evidências de uma tentativa de “mais do mesmo” ou dos “negócios de sempre”. Estamos constantemente sendo convidados a acelerar, para não começar a abrandar. Precisamos urgentemente ver muito mais longe do que a próxima eleição ou o próximo ciclo de negócios, e parar de descontar o futuro de nossos filhos. Precisamos ter certeza de que temos um círculo para o retorno, com espaço suficiente para manobra, e que temos total controle sobre a direção do nosso navio. Se não sabemos isso, estamos realmente em um Titanic, um navio desgovernado e incontrolável, que já é um acidente e está apenas procurando um lugar para acontecer. Na ausência de tudo isso, precisamos garantir que temos botes salva-vidas suficientes para tanto os passageiros de primeira classe e da terceira classe, e suficiente *know-how* e tempo para lançá-los com sucesso, se for preciso fazê-lo.

Nós também precisamos reconhecer que grande parte disso não é novo. Coisas semelhantes já aconteceram antes no passado, embora em escala muito menor. O colapso do primeiro Império do mundo, o estado acádio do Iraque antigo, foi por causa da mudança do clima e do colapso ecológico que se seguiu. Cidades inteiras foram construídas e em seguida, jogadas no lixo, dentro de uma década, com o clima em colapso, a seca e a fome que se tornaram permanentes para as gerações no Oriente Médio. Uma longa Idade das Trevas foi o resultado. Mil anos mais tarde, tudo isso aconteceu de novo. As tardias civilizações da Idade do Bronze viram mais de 40 cidades do antigo Oriente Próximo, cidades que duraram séculos, foram queimadas ou abandonadas, e muitas nunca foram novamente ocupadas, resultando em mais uma Idade das Trevas – em que muitas partes do mundo as pessoas até se esqueceram de como ler e escrever por até 500 anos.

O colapso mais recente na nossa cultura, das mudanças climáticas, fome e pandemias ocorreu no início da Idade Média, afetou o Império Han e mais tarde o Império Romano. Ele viu Roma ser reduzida a partir de uma próspera cidade de mais de 800.000 pessoas para uma pequena cidade arruinada de 15.000 habitantes, dentro de pouco mais de dois ou três séculos. Os gregos e romanos sabiam que o mundo era redondo, mas na Idade das Trevas da Europa, a maioria das pessoas passou a acreditar mais uma vez que era plana, até mil anos mais tarde, quando as viagens de Colombo e Magalhães demonstraram novamente a verdade.

Mas tal futura Idade das Trevas só vai acontecer porque nós deixamos isso acontecer, como resultado de continuarmos a agir como se as coisas não tivessem mudado, ou não agirmos de forma adequada. Mas o que é adequado para uma era de mudanças climáticas, o pico do petróleo, caos econômico e perda de biodiversidade?

Três coisas precisam ser feitas agora.

- **Em primeiro lugar: é preciso atenuar a situação atual.** “*Business as Usual*” só vai acelerar o desastre e nos leva a orientar os navios de nossas nações para os recifes do destino. Precisamos desacelerar a nossa destruição planetária e, a fim de ganhar tempo para a direção, colocar nossos motores em marcha à ré.
- **Em segundo lugar: é preciso se adaptar às mudanças que não podemos evitar.** Dirigibilidade e flexibilidade são necessárias, já que a nossa produção de alimentos, energia, habitação e transporte são afetadas pelo “pico do petróleo”, pela mudança climática, crise econômica e perda de biodiversidade.
- **Em terceiro lugar: precisamos nos preparar agora para ajudar aqueles que sofrerão indubitavelmente no processo,** aqueles que não por culpa própria estão no caminho do colapso econômico, dos eventos climáticos severos, dos desertos em expansão, da perda das florestas e das pescas ou afetados pela elevação no nível do mar – fatores que eles não podem evitar.

Mas como podemos nos preparar a tempo? Quando eu estou pessimista eu não acredito que podemos. Perdemos quatro décadas. Tivemos a oportunidade, nas décadas de 1960 e 70, quando a primeira prova tornou-se disponível, mas nós nos permitimos ser embalados para dormir em uma orgia de ganância e gastos de consumo como o mundo jamais viu. Nós parecemos muito travados em nosso curso atual de ação para fazer as mudanças urgentes. Mas podemos agir agora para encurtar e diminuir o dano.

SETE COISAS PARA ABREVIAR A IDADE DAS TREVAS

Evidências de um estudo comparativo da Idade das Trevas anteriores da história mostram que há sete coisas que podemos fazer agora para encurtar a vindoura Era de Escuridão, e ajudar a torná-la menos grave para todos os envolvidos.

1. **Construa comunidades,** como se sua vida dependesse disso: Fazer. Estudos mostram que aquelas pessoas que vivem em comunidades de apoio e carinho são aquelas que podem minimizar o sofrimento dos tipos de problemas e desafios que estão rapidamente se aproximando. Não deixe o local onde você está para construir uma comunidade em outro lugar, faça-o na rua, bairro, vila e cidade em que vive, e comece agora.
2. **Viva de forma simples:** evite a dependência, tanto quanto possível, de sistemas complexos. Durante a fase de crescimento de uma cultura, a maior complexidade melhora a qualidade de vida, mas hoje, como em outros períodos, quanto à abordagem da Idade das Trevas, o aumento da complexidade começa a reduzir a qualidade de vida, e a melhor maneira de melhorar a qualidade de vida agora é simplificar, tanto quanto possível. Os sistemas complexos são os primeiros a sofrer colapso e são os mais atingidos, causando sofrimento nas pessoas que deles dependem. Portanto, crie mais tempo em sua vida para viver simplesmente.
3. **Maximize a criatividade:** Precisamos maximizar socialmente a criatividade individual e coletiva em uma escala nunca antes tentada. Precisamos de criatividade individual e coletiva, política, econômica, tecnológica, ambiental, ideológica, espiritual, artística e cultural para nos fornecer as ferramentas flexíveis que permitem a sobrevivência. Criatividade em uma área ajuda a promover a criatividade em outras áreas, e, ao final, a criatividade é o mais importante para minimizar os efeitos de uma Idade das Trevas, e propiciar a construção de um Novo Renascimento.
4. **Cultive Sabedoria Não-Violenta:** Em uma Idade das Trevas há uma rápida propagação de um sentimento de medo, uma sensação de medo espalhando o terror como ignorância militante no seio das instituições, estados, nações e até mesmo indivíduos dispersos. Nós tendemos a responder a estes temores, buscando punir e proteger através da construção de invulnerabilidade. Demônios e inimigos são criados dentro das

famílias, comunidades, cidades, nações e internacionalmente. Só sabedoria não violenta pode conter e deter neste sentido crescente de terror.

5. **Preserve o conhecimento:** Na abordagem a uma Idade das Trevas, o conhecimento fica sobrecarregado por um excesso de informação, e a informação fica sobrecarregado de dados. Sabedoria e racionalidade ficam sobrecarregadas pela superstição, e não só nos faz esquecer, mas até esquecer que esquecemos. Atualmente, o mundo perde uma língua a cada duas semanas e com essa perda, perdemos os entendimentos ecológicos em que essa linguagem se baseia. Preservar o conhecimento é importante, pois caso contrário, poderá levar mais de mil anos para escapar da Idade das Trevas.
6. **Espalhe eco espiritualidade e inclusividade inter-religiosa:** Na abordagem a uma Idade das Trevas, há um aumento de fundamentalismos exclusivistas em guerras de vários tipos. Estas espiritualidades fundamentalistas, autobloqueadoras, geram uma rigidez coletiva em que o “outro” é visto como o inimigo, e não como parte de uma visão complementar que todos nós precisamos para fazer nossa transição com sucesso. Nossas espiritualidades por muito tempo viram a Terra como “caída”, uma armadilha, uma escola, ou batalha da qual precisamos escapar. Estes pontos de vista permitiram e justificaram danos ecológicos, e isso significa se não for corrigido, que a vida na Idade das Trevas será difícil para todos.
7. **Construa novos sistemas financeiros e econômicos que sustentam as demais mudanças.** Atualmente o nosso sistema de consumo voraz, financeiro e econômico, mina a nossa capacidade de atingir os outros seis objetivos. Não pode ser assim. Muitos milhares de comunidades ao redor do mundo estão experimentando alternativas baseadas em sistemas comunitários de financiamento que oferecem esperança para o futuro.

É a segunda vinda espiritual que todos nós estivemos à espera, mas de um tipo não previstos e não antecipado. Como Jean Houston diz:

“Este é o tempo, nós somos as pessoas. Nós somos aqueles por quem estávamos esperando”.

PROPICIANDO A GRANDE VIRADA

Se quisermos acabar com esta grande desestruturação, precisamos reabilitar o tempo. Não apenas o presente. Muito menos o passado, ou o futuro. Precisamos de um quarto conceito do tempo. Precisamos reinstalar o “*Everywhen*”, o “Cada Momento”. Precisamos reconhecer que a Grande Virada vai ser realmente uma cultura “pós-civilizada”, tão diferente da civilização convencional elitista, coercitiva, condicionada, controladora e baseada no comércio, como foram as culturas de caçadores-coletores que os precederam. Mas como é essa mudança deve ser feito?

Existe apenas um poder forte o suficiente para reequilibrar a balança entre as nossas culturas e o mundo vivo em que habitamos. Joanna Macy nos diz que a Grande Virada é o resultado do entrelaçamento de três diferentes tipos de trabalho. Em primeiro lugar temos de abrandar o ritmo de destruição. Este é um trabalho árduo, já que significa que, de certa forma, devemos ir contra a aceleração de nossas vidas. Diminuir o ritmo de destruição vai salvar vidas, irá salvar vidas humanas, agora e no futuro. Também irá poupar muito mais do que vidas humanas, salvará a vida das criaturas, plantas e animais dos ecossistemas terrestres, que nós compartilhamos, e ajudará a manter a nossa biodiversidade, que está desaparecendo.

Este trabalho, como as campanhas do Greenpeace, o *lobby* de governos e desenvolvedores, escrever cartas, organizar protestos, partilhar informações e agir diretamente, pode ser difícil e árduo.

Ele pode se parecer com a *Sea Shepherd*, envolvendo colocar nossos corpos frágeis entre o exército, a polícia e os poderes econômicos, e as pessoas, animais ou ecossistemas que tentamos proteger.

Esta é a obra das nossas mãos. Como as campanhas militares, como disseram os soldados durante a primeira guerra mundial, foi 90% de tédio e 10% de terror. Para cada vitória, em algum outro lugar, no mesmo momento, haverá muitas mais situações de perda. É fácil sentir-se sozinho e sitiado. Por conseguinte, consome muita energia. Por si só, é necessário, mas por si só não é suficiente. Tudo o que se pode fazer é comprar-nos tempo para o outro

trabalho que precisa ser feito. Pessoas que deixam este trabalho, através de exaustão ou esgotamento, podem sentir que estão “deixando a causa”, e este sentimento de culpa ou vergonha pode ser reforçado por atitudes negativas de outras pessoas que se sentem ainda mais sozinhas. Mas há um segundo tipo de trabalho, de acordo com Joanna Macy.

O segundo tipo de trabalho, é o trabalho conceitual de nossas cabeças. É o trabalho imaginativo e criativo de construção de novas instituições que podem manter as pessoas alimentadas, agasalhadas e abrigadas, durante a transição para a Cultura de Suporte à Vida no futuro. É o fantástico trabalho que está sendo feito por Michael Linton, Margrit Kennedy, Laetier Bernard, Dowthwaite Richard, Hank van Narkle e muitos outros na construção de sistemas de moeda da comunidade, é o trabalho do Movimento de Permacultura de Bill Mollinson e David Holmgren, é o ‘Cidades em Transição’ de Rob Hopkins e muitos milhares de outros e os seus Planos de Redução de Energia, o trabalho de Richard Heinberg e de organizações como o Instituto de Pós-Carbono, que é o trabalho da Rede Global de Ecovilas criado pelo Ross e Jackson Hildur da Confiança Gaia.

Os números dessas iniciativas comunitárias da Rede Global estão se multiplicando além da medida. Elas também são necessárias, e é fácil ver os resultados, por exemplo, com a adoção de alimentos orgânicos, ou medicinas complementares por grandes organizações de *marketing* como um avanço. O Sistema de Crescimento Industrial de Empresas Transnacionais é muito rápido para descobrir novas maneiras de fazer lucros, e está cooptando até mesmo os mais puros sistemas para esse fim. Novamente, é importante não demonizar esse processo indevidamente. Existem muitas pessoas boas que fazem esse processo de cooptação, com o melhor dos motivos, e identificar e trabalhar com essas pessoas é importante. Mas, mais uma vez, apesar de necessário, este trabalho também não é suficiente. Este trabalho central precisa do terceiro componente de Macy. É necessário o trabalho do coração.

O trabalho do coração surge na sequência dos dois tipos anteriores de trabalho, e pode ajudar a motivar e manter os esforços para o longo curso. Envolve as mudanças na percepção e consciência na comunidade em geral, que ajudam a sustentar e manter a nós mesmos, em viver de forma sustentável. Seu trabalho é ajudar as pessoas a descobrir um novo sentido na vida, para ajudá-las a descobrir o propósito da sua vida, e para ganhar a força emocional e sabedoria necessária para isso. O objetivo é quebrar a separação e o isolamento que é tão fácil de sentir. É o trabalho de criação de comunidades de consciência, de encontrar formas para o crescimento e desenvolvimento pessoal. Para este fim, existem centenas de cursos, livros, um rápido crescimento da indústria de todo o crescimento pessoal. Este trabalho do coração também é necessário, mas não suficiente.

Então o que devemos fazer. Precisamos de todos os três. Precisamos do Crescimento Pessoal, precisamos da edificação da comunidade, e nós precisamos do serviço para a Terra. Como integrar todos os três. É uma coisa entender tudo isso, mas é uma segunda coisa completamente diferente começar a tomar medidas. E para isso temos um recurso enorme, mas subutilizado, em nossas mãos.

Essa força é o poder criativo da imaginação humana, reunidos para a ação coletiva. Este é o único antídoto para a prevenção, a negação, a esperança irrealista, a negociação de curto prazo, a raiva e depressão acima mencionadas, como os sintomas encontrados muitas vezes em crises ou situações traumáticas.

Assim como esses sentimentos, quando suprimidos e reprimidos podem causar um estreitamento de nossas visões e uma perda de esperança realista, alegria, êxtase e entusiasmo, por isso, precisamos passar por esses sentimentos para descobrir a necessidade oculta e o anseio não realizado com a qual eles estão associados, para liberarem inimigináveis mananciais de criatividade. Mas como isso é a esperança de libertação?

Precisamos de uma quarta perna no nosso banco, precisamos de projetos regionais de apoio de projetos, identificando os fatores comuns a todos os projetos e criando sistemas em que as tarefas comuns possam ser realizadas de uma forma que suporte o crescimento pessoal, construa a comunidade como um todo e estimule o florescimento de toda a vida. Esta estrutura precisa identificar ideias inovadoras e assegurar a sua rápida disseminação em outros lugares, bem como identificar as tarefas necessárias atualmente não realizadas devido a carências a nível local.

Dragon Dreaming é construído sobre o princípio de que tal avanço para uma verdadeira cultura de vida sustentável é possível. Nós não estamos sozinhos, mesmo que às vezes possa parecer dessa forma. Lembro-me de anos atrás, vendo um desenho animado no Centro Um Mundo para Oxfam na Austrália Ocidental. O primeiro quadro apresentava uma pessoa com um “balão de pensamento”, dizendo para si mesma: “Eu sou apenas uma pessoa, que diferença eu posso fazer?”. O segundo quadro mostrava a mesma pessoa, com cerca de uma dúzia de cabeças, todas dizendo: “Eu sou apenas uma pessoa...”, e o terceiro quadro mostrava centenas, todas dizendo a mesma coisa. *Dragon Dreaming* visa liberar isso, o nosso poder individual e coletivo para realmente fazer a diferença.

Em oficinas *Dragon Dreaming* eu costumo dizer que há uma forma de preconceito que você nunca pode fugir – muito pior do que o racismo ou sexismo. Este é um preconceito profundo e permanente contra si mesmo, e ainda é exatamente disso que nós sofremos. Como resultado da experiência negativa sofrida nas famílias, nas escolas e no trabalho remunerado, a maioria das pessoas carrega isso como uma ferida profunda de insegurança e incerteza sobre eles mesmos. Esta ferida está profundamente enterrada em sua autoimagem, e nós vivemos nossas vidas como se essa imagem fosse quem realmente somos. Mas, como vemos em *Dragon Dreaming*, quem realmente somos não é a nossa autoimagem limitante.

Somos, de fato, a pessoa que criou esta autoimagem, as minhas estreitas crenças não são quem eu sou! Mas, como posso libertar-me de tal confinamento em uma camisa de força como a imagem delirante de quem eu penso que sou? Conheço apenas um caminho – você precisa de experiências que mostram que você não é quem você pensa que é. Você precisa se envolver em um mundo que está vivo, e no qual sua própria vida é apenas o desabrochar de uma pequena flor temporária. É por isso que cada Projeto Gaia do método *Dragon Dreaming* tem como seu primeiro princípio, que todos os projetos realizados devem ser um projeto de crescimento pessoal para as pessoas envolvidas.

Esta é uma meta importante de *Dragon Dreaming*. Somos todos muito mais poderosos do que jamais nos demos crédito. Como Marianne Williamson escreveu, e Nelson Mandela citou em seu discurso de posse:

“Nosso medo mais profundo não é o de sermos inadequados. Nosso medo mais profundo é que somos poderosos além da medida. É a nossa luz, não nossa escuridão, que mais nos apavora. Nós nos perguntamos: Quem sou eu para ser brilhante, maravilhoso, talentoso e fabuloso? Na verdade, quem você não é? Você é um filho de Deus. Fazer papel pequeno não serve ao mundo. Não há iluminação em se encolher para que outras pessoas não se sintam inseguros ao seu redor. Somos todos feitos para brilhar, como fazem as crianças. Nascermos para manifestar a glória de Deus que está dentro de nós. Não é apenas em alguns de nós, está em todos. E conforme deixamos nossa própria luz brilhar, inconscientemente damos às outras pessoas permissão para fazer o mesmo. E conforme nos libertamos do nosso medo, nossa presença automaticamente liberta os outros”.

A melhor maneira de descobrir que você é muito mais vasto, maior e mais capaz do que você pensa, é se envolver em algo que você acha que não pode fazer e ter sucesso escandalosamente! Os projetos de *Dragon Dreaming* mais úteis, que terão o maior efeito sobre o seu crescimento pessoal, são aqueles que você acredita que são totalmente impossíveis antes de começar.

Nossas crises entrelaçadas são uma mensagem profunda, como se a própria Terra estivesse nos dizendo que somos aprendizes lentos, para “acordar” para quem e o que realmente somos. Colapso ou avanço! Resolver a problemática mundial envolverá todos nós – literalmente. Vai levar cada pessoa a fazer a diferença, e vai levar todos nós a descobrir que o nosso potencial humano é não só maior do que sabemos, é maior do que sonhamos em nossas fantasias mais selvagens. Temos competências e habilidades que nós nem mesmo sabemos que não sabemos. E a Grande Virada levará a todos nós para libertar esses potenciais. Nossa jornada como uma espécie está longe de terminar, embora os riscos de nosso ‘ecocídio’ estão crescendo e ficando a cada dia mais mortais. Mas em que condição estamos para libertar essa criatividade pura e deslumbrante? Para liberar o nosso potencial, e desenvolver a nossa humanidade, o mundo está nos ajustando para uma tarefa. Mitigar, adaptar ou morrer. Podemos enfrentar ou não a este desafio, mas como eu disse acima, enfrentar incluirá todos nós, em formas que ainda não podemos imaginar.

A resposta é, por conseguinte, simples. Se conseguirmos incentivar um número suficiente de homens e mulheres comuns para realizar muitos milhões de pequenos projetos, e garantir que sua experiência desses projetos seja bem sucedida, então essas pessoas vão estar entusiasmadas e animadas para realizar algo mais, algo maior, e nós podemos apenas fazer a diferença acrescentando o que for necessário. Mas como fazemos isso?

Em cada oficina *Dragon Dreaming* que eu tenho feito, digo que a minha tarefa como um facilitador é liberar as energias criativas enterradas e escondidas do grupo. Construção de uma comunidade é sempre o segundo objetivo de qualquer projeto Gaia. Como Korten²⁸ mostra de forma tão convincente, são as pessoas que vivem em uma comunidade de apoio e carinho que podem lidar melhor quando a crise ocorre.

Quando, no início de uma iniciativa *Dragon Dreaming*, nos colocamos ao redor do círculo para ouvir as histórias das pessoas e testemunhar em primeira mão, as profundezas da experiência que cada pessoa traz, e os anos de experiência de até mesmo um grupo bastante pequeno de adolescentes, isto excede a profundidade da experiência mesmo do facilitador mais experiente. Nós não estamos sozinhos, mas fazemos parte de invisíveis linhas de canção em rede, uma noosfera ou “rede pensante” que, independente das fronteiras nacionais, cobre todo o planeta.

Como a pesquisa tem mostrado, existem apenas seis graus de separação, seis elos dessa cadeia invisível entre quaisquer duas pessoas no planeta. Se você quisesse passar uma mensagem sobre *Dragon Dreaming* a todas as pessoas no mundo, e você tivesse que falar com uma pessoa por dia, e convidar cada um para contar a apenas uma pessoa por dia, e assim por diante, você só precisaria de 33 dias e contar para 33 pessoas novas, para atingir cada homem, mulher e criança na Terra!

Como o famoso aguapé, que dobra de tamanho a cada dia poderia cobrir uma terra inteira em 33 dias, no trigésimo primeiro dia, apenas um quarto do planeta poderia ser coberto, e no trigésimo segundo dia, a metade. Nós não sabemos, mas tal mobilização do nosso planeta pode ser possível, dados os novos desenvolvimentos em tecnologias de comunicação, e necessária para alcançar um verdadeiro avanço, de forma a resolver a crise de bloqueio das questões acima referidas.

Mas para ser bem sucedido, isto vai exigir uma mudança em nossa mentalidade e nossa consciência e um compromisso de agir em com consciência. Como resultado, o início do *Dragon Dreaming* é baseado, portanto, na premissa de que ninguém deve realizar um projeto sozinho. Baseia-se em mobilizar os membros de sua rede própria rede comunitária invisível, amigos, familiares, colegas, vizinhos ou conhecidos, para se juntarem a você para trabalhar em tornar os sonhos coletivos em realidade, evitando os pesadelos apocalípticos, alguns dos quais já foram descritas acima. Todos nós precisamos de equipes de apoio no Grande Virada. *Dragon Dreaming* é totalmente voltado a forma como construir tais equipes. David Korten, no seu livro sobre a Grande Virada, sugere que a nossa primeira tarefa é acabar com o nosso isolamento. Uma vez que somos uma parte de uma equipe, nós podemos ver que, como Margaret Mead afirmou, é verdade que devemos:

“Nunca duvide que um pequeno grupo de cidadãos preocupados e comprometidos possa mudar o mundo. Na verdade, é a única coisa que já fez isso.”

Mas por onde começar? “Nossa natureza humana” Korten sugere “é definida pela nossa capacidade de escolher a nossa natureza” e “verdadeira prosperidade, segurança e sentido dependem de comunidades vibrantes e acolhedoras”. O crescimento pessoal, na ausência de construção de uma comunidade, como veremos, não é suficiente. Mas, novamente por onde começar? De certa forma, realmente não importa. O alpinista do Himalaia, parafraseando algumas ideias de Goethe escreveu:

“Até que uma pessoa esteja comprometida, há hesitação, há oportunidade de recuar. A respeito de todos os atos de iniciativa (e criação), há uma verdade elementar, cujo desconhecimento mata inúmeras ideias e planos esplêndidos: a de que no momento em que definitivamente se compromete, a Providência também se move. Todos os tipos de coisas ocorrem para ajudar aquilo que de outra forma nunca teria ocorrido. Toda uma corrente de eventos emana da decisão, fazendo surgir a nosso favor toda sorte de incidentes imprevistos,

encontros e assistência material, que nenhum homem poderia ter sonhado vir desta maneira. Tudo o que você pode fazer, ou sonhar que pode fazer, comece. A ousadia tem gênio, poder e magia. Comece agora”.

Esta é a magia do *Dragon Dreaming*. O mundo é como nos disse Esp Nhat Hahn, que temos de começar onde quer que estejamos. Comece onde você está. Como Christopher Fry declarou em seu poema evocativo, “Um Sono de Prisioneiros”:

*“O coração humano pode chegar à dimensão de Deus
Escuro e frio pode estar, mas não é inverno agora
A miséria congelada de séculos, trincas, quebras, começa a se mover
O trovão é o trovão dos fluxos, a inundação, o degelo
A Primavera que se inicia!
Graças a Deus nosso tempo é agora,
onde o errado vem ao nosso encontro em todos os lugares,
nunca nos deixe até que tomarmos o maior tranco que a alma do povo jamais levou.
As questões agora são do tamanho da alma
O que você está fazendo agora?
O empreendimento? É exploração em Deus.
Leva tantos milhares de anos para acordar.
Mas será que você vai acordar? Por piedade.”*

A tradução para o português, revisão e divulgação deste e de outros textos de John Croft é fruto de uma iniciativa colaborativa e voluntária que endossa a ética de Crescimento Pessoal, Formação de Comunidades e Serviço à Terra – encontramos em *Dragon Dreaming* contribuições significativas para as mudanças necessárias à nossa sociedade.

Se você deseja colaborar ou conhecer mais, acesse:

Dragon Dreaming Brasil – <http://www.dragondreamingbr.org>

Dragon Dreaming Brasil no Facebook – <https://www.facebook.com/groups/107192366047436/>

Dragon Dreaming International – <http://www.dragondreaming.org/en>

Fichas técnicas em inglês – <http://dragondreaming.iimdo.com/sources-1/john-croft-fact-sheets/>

Notas

- 1 The “global problematique” is the name given to the interlocking global crises by the Club of Rome. It was made public by the first report to the Club of Rome, “Limits to Growth” (1971) by Meadows, Dennis; Randers, Jorgen and Meadows, Donella (Universe Books). Also valuable are the 20 year update “Beyond the Limits: Confronting Global Collapse, Envisioning a Sustainable Future”.
- 2 Ghamari-Tabrizi, Sharon (2005), “The Worlds of Herman Kahn: The Intuitive Science of Thermonuclear War” (Harvard University Press). Herman Kahn of the Hudson Institute, coined this phrase in planning nuclear war fighting strategies. He also remarked “It is possible, isn't it, that parents will learn to love two-headed children twice as much?”
- 3 World Wildlife Fund at http://www.panda.org/news_facts/publications/living_planet_report/living_planet_index/index.cfm September 4, 2008
- 4 Vitousek, Peter; Ehrlich Paul and Others (1986), “Human Appropriation of the Products of Photosynthesis” at <http://dieoff.org/page83.htm> September 4, 2008
- 5 Sir Nicholas Stern “The Economics of Climate Change” HM Treasury Report Executive Summary at http://www.hm-treasury.gov.uk/media/9/9/CLOSED_SHORT_executive_summary.pdf September 4, 2008
- 6 New Economist, Monday October 30th 2006 at http://neweconomist.blogs.com/new_economist/2006/10/stern_review_2.html September 4, 2008
- 7 Penelope Debelle July 10 “The Age” at <http://www.theage.com.au/national/roll-up-roll-up-the-garnaut-roadshow-is-coming-to-town-20080708-3bwh.html> September 4, 2008
- 8 Robin MacKie “Meltdown in the Arctic is speeding up: Scientists warn that the North Pole could be free of ice in just five years' time instead of 60” (Oberserver, August 10, 2008)
- 9 C.D.Thomas et al., 2004, Extinction risk from climate change, Nature, vol 427, proof pages 145-148.
- 10 Ambrose Evans-Prichard “Why the price of ‘peak oil’ is famine” (Feb 9, 2008, Telegraph) at <http://www.telegraph.co.uk/money/main.jhtml?xml=/money/2008/02/07/cnoil107.xml> September 4, 2008
- 11 Jeremy Elton Jacquot “Shell CEO admits that peak oil could be here in 7 years” (Jan 26, 2008, Los Angeles)
- 12 Jim Lobe “Weak States got weaker in 2007” at <http://www.globalpolicy.org/nations/sovereign/failed/2008/0623index.htm> September 4, 2008
- 13 John Williamson, creator of the “Washington Consensus” argued in his article “Did the Washington Consensus Fail” that it has not failed. Joe Stiglitz in “Globalisation and its Discontents” has argued that it did. Naomi Klein in “Shock Doctrine: the rise of disaster Capitalism” clearly shows its limitations.
- 14 Paul Krugman (2003) “The Great Unravelling: Losing our way in the new century” (W.W.Norton, NY)
- 15 The speed of this forgetting cannot be minimized. According to Terralingua we are losing one whole human language at the moment every two weeks. As we lose these languages, we also lose the ecological understandings upon which that language is based, an irreparable loss.
- 16 Diamond, Jarrod “The Rise and Fall of the Third Chimpanzee”
- 17 Flannery, Tim “The Future Eaters”
- 18 Hartman, Thom “The Last Hours of Ancient Sunlight”
- 19 Tainter, Joseph, “The Collapse of Complex Systems”
- 20 Diamond, Jarrod, “Collapse: How Societies Succeed or Fail”
- 21 Toynbee, Arnold “A Study of History”
- 22 Homer Dixon, “The Upside of Down: Complexity, Creativity and Collapse of Civilisations”
- 23 This analysis has been provided by Johan Galtung, in his predicted collapse of the Soviet Empire and the forthcoming collapse of the American one.
- 24 The “World Systems Theory” of Immanuel Wallerstein and others illustrates the nature of this system of expansion.
- 25 “The Song of the Dodo; Island Biogeography in an Age of Extinctions”
- 26 This is the message of Pierre Teilhard de Chardin’s essay on “The Spiritual Implications of the Atomic Bomb”.
- 27 Fukyama, Francis “The End of History”
- 28 Korten, David “The Great Turning”